

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº I - FEVEREIRO / 2021



SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL
- 04 ILUSTRES ILUSTRADORES
- 05 ARTIGOS
- 06 1 - A ETMOLOGIA DO NOME ODIN
- 09 2 - A TERRA SEM MAL: UMA
PROVOCAÇÃO PARA ADIAR O FIM DO
MUNDO
- 12 3 - PSICOPOMPO: UM GUIA DE VIDAS
- 17 4 - A IMPORTÂNCIA DO MITO DE EXU
- 20 5 - ASPECTOS DIONISÍACOS DA VIDA EM
SOCIEDADE
- 26 BIBLIOTECA DE THOTH
- 28 VITROLA DE ORFEU
- 36 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA
- 37 ARQUIVOS DE LOKI
- 41 ACADEMIA DE QUÍRON
- 44 PANTEÃO DE COLABORADORES
- 49 AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO EDITORIAL

Sou **Larissa Dias**, uma apaixonada pela mitologia!
A Revista **Mitologia Aberta** surgiu com três principais
objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

Quando penso na Mitologia me lembro de uma frase de Joseph Campbell: "A Mitologia é a Religião dos Outros".

Concordo com ele e acho que a mitologia é isso e muito mais! São histórias ancestrais, uma verdadeira herança da humanidade, capaz de transmitir por meio de mitos e contos do mundo todo conhecimentos sagrados sobre os fenômenos naturais, astronômicos, de tempo e espaço, do mundo material e imaterial, sobre os sentimentos humanos e sobre a psiqué humana também.

Deste modo, a mitologia além de incrível também é muito útil! Afinal, ela pode ser usada em várias áreas, como na saúde, no ensino, nas artes e em muitas outras.

Nesta revista descobriremos juntos como a mitologia pode atuar em todas essas áreas e conheceremos os diversos profissionais que usam de seu talento e sua capacidade criativa para aplicar a mitologia em seus trabalhos e em suas vidas.

A Revista **Mitologia Aberta** é um sonho que começou no mundo da minha fantasia, mas que ao contá-lo para outros foi possível torná-lo real!

Por este motivo, desde o início desta ideia eu digo que embora eu tenha idealizado e trabalhado duro para que ela existisse, essa revista não é minha, mas é **nossa!** E nesse plural estão incluídos todos os amigos, colaboradores e apoiadores que caminham comigo nessa estrada apaixonante que é a mitologia.

Então, agora convido a todos os leitores a virem comigo para contar e ouvir essas histórias nesta incrível viagem ao mundo da mitologia, para que tudo isso jamais deixe de ser uma bela realidade!

Aproveitem!

Larissa Dias



ILUSTRES ILUSTRADORES

Depoimento

Andrés Bertachini Art

"Eu sinceramente não consigo lembrar de uma época em minha vida onde eu não desenhava! Minha mãe costumava dizer que eu rabiscava as paredes e mesas da casa antes de saber falar ou andar direito...

O desenho pra mim sempre foi uma espécie de terapia e um refúgio mental, onde consigo me desligar do mundo ao redor e entrar em um mais seguro e mágico.

Quando tinha 5 anos, assisti a *Jurassic Park* e passei anos viciado nessas criaturas, sabia de cor desenhar cada dinossauro existente!

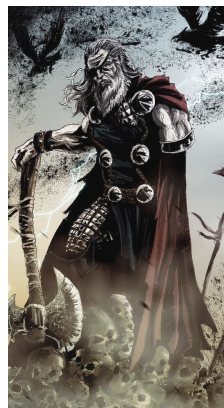
Lembro que quando ficava com lápis e papel na frente da TV, me inspirava e desenhava o *Vegeta* quando via *Dragonball*. Eu corria para desenhar rápido antes que o desenho pudesse se mexer (risos)!

O desenho sempre foi minha "rocha", especialmente depois de perder meus pais quando eu era jovem. Isso me ajudou muito ter um mundo seguro para me recolher quando tudo parecia sem esperança.



Não fiz aulas ou cursos profissionalizantes de desenho, mas acabei criando um estilo meu, bem único, no qual não sigo algumas regras e métodos que a maioria tende a seguir. Isso faz com que algumas pessoas não gostem da minha arte por ser meio diferente do que estão acostumados a ver, mas simplesmente não consigo criar de outra forma, pois crio usando o coração e assim, sai tudo à minha maneira: **Estranha, Dark e Pontuda!**

Durante anos trabalhei fazendo arte para tatuagens, para quadrinhos, livros, pôsteres para filmes de cinema ou arte de DVD e Blu-Ray, na produtora *Imagem Filmes*. Hoje em dia atuo mais fazendo freelancer e busco sempre novas experiências e oportunidades de dividir minha arte, Estranha, Dark e "desnecessariamente" Pontuada arte com as pessoas!"



"O Grande Odin", arte que ilustra a capa desta edição

Saiba mais:
Andrés Bertachini Art
@andresbertachini
11 95051-6022



Prólogo

Larissa Dias

Querido Leitor,

A revista Mitologia Aberta vem com o propósito de permitir que o conhecimento mitológico possa ser divulgado para diversos públicos.

É uma revista de livres pensadores da mitologia, ou seja, tem o objetivo de ser acessível para pessoas de diversas áreas que se interessem pela temática.

Nesta edição você encontrará pessoas de diferentes áreas, que se empenharam para trazer temas interessantes para vocês!

Nos artigos a seguir serão abordados alguns temas da mitologia mundial:

- O primeiro artigo fala sobre a origem do nome do deus nórdico Odin;
- O segundo apresenta uma provocação sobre como podemos "adiar o fim do mundo", segundo os mitos indígenas guaranis;
- O terceiro faz uma viagem sobre o universo dos Psicopompos, seres que transitam entre a vida e a morte, em várias mitologias;

- O quarto traz a importância o mito do Exu, divindade da mitologia africana, para nossa sociedade atual;

- O quinto aborda os três principais aspectos do deus grego Dionísio e as suas influências na sociedade de hoje.

Aqui cabe uma observação: o quinto artigo foi escrito por mim há vários anos, quando eu ainda não tinha formação na área da mitologia ou a sociologia, mas havia me apaixonado pela ideia da representação dionisíaca e decidi pesquisar sobre o tema. Decidi colocá-lo na primeira edição para mostrar que a paixão pela mitologia também é capaz de produzir conhecimento, mesmo que este não esteja ligado diretamente à área acadêmica.

Vamos então nos aventurar nessas incríveis histórias!

A ETIMOLOGIA DO NOME DE ÓÐINN

POR ALLAN MARANTE

Qual é a origem e o significado do nome Óðinn, o teônimo do senhor dos Deuses Nórdicos? Para tal pergunta, devemos regressar às origens das tribos germânicas, onde o primeiro dos muitos nomes de Óðinn surge.

*Wōdanar 𐌿𐌺𐌿𐌹𐌺𐌹 “Furioso; Grande Fúria; Aquele que está em Frenesi” é um nome próprio protonórdico composto pelo substantivo masculino proto germânico *wōþuz / *wōduz (fúria, frenesi, furor poético), e é a origem do nome de Óðinn, sendo o nome deste Deus durante Era das Migrações Nórdicas (400-500 EC).

Este teônimo também está relacionado com o adjetivo *wōdaz (excitado; energizado; espiritualizado; furioso; obcecado; em frenesi), na língua proto germânica, e é a origem do adjetivo Óðr (furioso; inspirado; frenético), na língua nórdica antiga.

*Wōdanar 𐌿𐌺𐌿𐌹𐌺𐌹 também está relacionado com o verbo *wōdijana (enfurecer; irar; enraivecer), derivado do substantivo masculino *wōdaz (ira; cólera; fúria; raiva), da língua proto germânica.

Estes adjetivos e substantivos revelam-nos a natureza furiosa dessa divindade germânica, assim como seu domínio pelo êxtase, pela poesia, pela batalha e pela inspiração.

É importante ressaltar que o protonórdico é uma língua anterior ao nórdico antigo, idioma em que as sagas e a Edda foram escritas, e por isso encontramos divindades com nomes diferentes dos quais estamos habituados hoje.

Agora, ao analisarmos o nome de Óðinn 𐌿𐌺𐌿𐌹𐌺𐌹, sabemos que, primeiramente, trata-se um teônimo (nome de uma divindade), masculino, na língua nórdica antiga.

Na língua nórdica antiga, temos o substantivo masculino Óðr “mente; espírito; alma; canção; poesia; inspiração; fúria”, presente no prefixo do nome de Óðinn.

O adjetivo Óðr “furioso; enfurecido; louco; frenético; inspirado; extasiado”, na língua nórdica antiga, também está relacionado com o teônimo.

Como temos duas palavras de mesma grafia, no caso, Óðr, mas com funções gramaticais diferentes, é fundamental citar ambos os usos e significados, uma vez que a gramática nórdica faz as declinações dos substantivos e dos adjetivos de modo diferente.

Assim como em sua origem germânica, o nome de Óðinn também preserva o sentido da fúria, da poesia, do êxtase, características cruciais para um soberano dos Regin (Poderes Governantes).

O verbo *Œða* / *Æða* “enfurecer” está diretamente ligado ao substantivo Óðr “fúria”.

O sufixo -inn, presente no nome de Óðinn, é utilizado para criar adjetivos a partir de substantivos, significando “feito de”, ou utilizado para criar adjetivos a partir de verbos, significando “propenso a”. Este sufixo também é o artigo masculino definido -inn “o”, derivado do artigo determinante *jainaz “aquele ali; o próprio; este; ele; além”.

Por tal razão, algumas das traduções para o nome de Óðinn são “Êxtase Após a Fúria; Aquele que é a Fúria; Governante do Êxtase; Aquele que está em Frenesi; Furioso; Inspirado; Aquele que tem o Espírito Elevado; Aquele que detêm Eloquência Divina”.

O estudo dos nomes de cada Poder Divino nos é sempre revelador, e quanto mais nos aprofundamos nas fontes primárias e nas raízes etimológicas, mais somos capazes de compreender exatamente como os povos antigos setentrionais compreendiam os *Æsir* “Poderes Incitadores” e as *Ásynjur* “Forças Divinas Femininas”.

Nomes são fontes inesgotáveis de significado e poder. A forma como os textos nórdicos foram produzidos, seja em couro de vitela, ou nas inscrições rúnicas, dando atenção à gramática, aliteração e versificação, nos mostra o quanto a língua faz parte da liturgia das religiões nórdicas pré-cristãs.

Cito um fragmento da Snorra Edda “Edda de Snorri; Edda Poética”, datada do século XIII, com o texto original em nórdico antigo, e sua respectiva tradução feita por mim, para verificarmos como as fontes primárias descrevem Óðinn:

Hárr segir: "Lifir hann of allar aldir ok stjórnar öllu ríki sínu ok ræðr öllum hlutum, stórum ok smám.

"

Hárr disse: "Ele vive por todas as eras, controla todo seu reino e governa todas as coisas, as grandiosas e as pequenas."

O texto começa com Lifir hann of allar aldir "Ele vive por todas as eras", fazendo referência ao fato de que se trata de um Deus antigo, mesmo considerando que este texto foi produzido há cerca de 700 anos.

Prossegue com stjórnar öllu ríki sínu ok ræðr öllum hlutum "controla todo o seu reino e governa todas as coisas", deixando o leitor ciente da onipotência de Óðinn.

E reforça as capacidades de Óðinn como soberano, descrevendo o que exatamente ele governa, stórum ok smám "as grandiosas e as pequenas", não restando dúvida de que tudo está sob seu domínio.

Fragmentos como este são presentes nas fontes primárias, como a Edda, tanto poética quanto em prosa, e não devem ser ignoradas no estudo da religiosidade nórdica, pois são os fragmentos que refletem a forma como os nórdicos realmente lidavam com os Regin (Poderes Governantes).

REFERÊNCIAS

BYOCK, Jesse L. Viking Language. Jules William Press, 2018.

CLEASBY, R. & VIGFÚSSON, G. An Icelandic-English Dictionary. Clarendon Press, 1874.

GEIR T. Zoëga. A Concise Dictionary of Old Icelandic. Oxford: Clarendon Press, 1910.

KROONEN, Guus. Etymological Dictionary of Proto-Germanic. Leiden, Boston: Brill, 2013.



PARA SABER MAIS SOBRE O
AUTOR, VÁ ATÉ A SESSÃO
"PANTEÃO DE
COLABORADORES"

A TERRA SEM MAL: UMA PROVOCAÇÃO PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

POR ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS

Os povos Guarani acreditam na “Terra Sem Mal”, a “Terra Boa”, um lugar em um não lugar, utópico, no qual a raiz já vem colhida e que existe sempre festa. A festa é o modo de vida plena Guarani, aqui nessa terra em que vivemos, eles trabalham para fazer festa e não o seu contrário como nós não – índios, que trabalhamos loucamente o tempo todo e ao final da semana ou do ano damos uma festa e tomamos um “porre” e depois sobra o vazio interior e um certo constrangimento.

O intelectual Ailton Krenak¹, em seu brilhante ensaio: Ideias para adiar o fim do mundo (ver as referências ao final do artigo), um livro composto por uma série de palestras proferidas por ele e posteriormente transcritas, cujo título é extraído justamente da 1ª palestra. Um texto impactante cujo fim do mundo, termo algumas vezes presentes em nossas conversas cotidianas e em nosso imaginário em virtude do desmatamento, poluição do ar, água e solo e práticas de consumo voraz que devora o plane-

ta e a própria humanidade, poderá ser adiado pelo canto, pela dança e pelo conto: “Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.

“E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história” (KRENAK, 2020 B, p. 27). E ainda: “Há centenas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade!” (Idem, p. 30).

Temos, então, duas ideias trazidas para nós de povos originários. A primeira diretamente tirada da mitologia Guarani que crê em Yvy Marã Ey, A “Terra Sem Mal”. Os Guarani contam que Nhanderú, o deus criador, desceu no meio da água, num raio de luz, e criou uma pequena ilha que foi se expandindo e ocorreram terremotos de onde surgiram montanhas para que essa terra não fosse plana e daí surgiu Yvy Tenonde, a

Primeira Terra, na qual os habitantes gozavam da amizade de Nhanderú.

Por seu bom comportamento as pessoas que moravam em Yvy Tenonde acessavam livremente Yvy Marrã Ey, e tudo ia bem. Mas, por uma série de maus comportamentos as pessoas que habitavam a Primeira Terra, foram enfraquecendo e Nhanderú mandou um dilúvio que transformou a Primeira Terra em Iyy Vaí, a Terra Imperfeita, que é a terra que conhecemos hoje.

A “Terra Sem Mal” continua à disposição para os homens e mulheres da Terra Imperfeita, mas, o acesso não é mais livre. A Chegada a Yvy Marrã Ey é agora uma conquista, uma busca constante. Para alcançar essa terra é preciso elevar-se e para elevar-se é necessário adquirir leveza.

Essa leveza será alcançada pela contínua oração na Opy (casa de reza coletiva), a oração compreende o modo de vida Guarani, com eus cantos e danças rituais e, é claro, a festa, às quais se somam a “contaçoão” dos mitos que relembram como Nhanderú criou a Primeira Terra e como a separou da “Terra Sem Mal” por um dilúvio destruidor e como Pají, o Primeiro Pai, e sua esposa, cantaram e dançaram para tornarem-se leves e por isso, os Guarani também devem cantar e dançar, pois, enquanto eles cantarem, dançarem e cuidarem da Terra ela se conservará, eles tem então, a missão de orientar a humanidade adiando assim o dia que Nhanderú enviará o Morcego Original para co-

mer o Sol e que o Jaguar Azul descerá cantando para atacar os seres humanos.

Isso nos remete, no entanto, a segunda ideia aqui apresentada a de Ailton Krenak, representante da etnia krenak, que ao falar, fala por uma coletividade, pois, para as etnias indígenas existe muito mais sentido no conviver do que apenas no viver individualizado. Viver é uma experiência do coletivo é colocar a vida em comum e cuidar da Casa Comum, a Terra, pois, assim cuidamos de nós mesmos e do Outro. Essas são as grandes provocações que Krenak apresenta ao mundo contemporâneo, mas, que é um pensamento originário porque as etnias primevas as cultivam desde sempre: o canto, a dança, o conto e o cuidado de si conjunto ao cuidado como o Outro e nesse outro inclui-se toda a Natureza.

Somando as ideias apresentadas para nós por Krenak e as mitologias Guarani temos as chaves para adiar o fim do mundo: quem conta histórias, quem dança, quem canta, quem faz arte e busca a espiritualidade está de mãos dadas com o povo que busca Yvy Marrã Ey, na grande jornada da vida, uma vida com beleza e alteridade, em busca de cuidado, sabedoria e sempre de festa.

Por isso, quando formos perguntados: Por que você conta histórias? Canta? Dança? Ensina? Ou seja, porquê fazemos o que fazemos e amamos fazer, podemos ter como uma das nossas respostas: Eu?! Eu faço isso para adiar o fim do mundo!

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Ideias para adiar o fim do mundo, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SUESS, Paulo. Por uma "Terra Sem Mal": Mito Guarani e projeto de sororidade. In: BEOZZO, José Oscar (org.). Produzir a esperança: projetos de sociedade e utopia do reino. Curso de Verão – ano XV. Coleção Teologia Popular. São Paulo: CESEP/ Paulus, 2001. p. 151 – 174.

<<https://despertar.saberes.org.br/saberesancestraisnativos/yy-mara-ey-o-mito-da-terra-sem-mal/>> Último acesso: 8 jan. 2021.

Notas: Ailton Krenak nasceu em 1953, na região do vale do Rio Doce, território Krenak. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta. É um dos mais destacados líderes do movimento que surgiu durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil.



PARA SABER MAIS SOBRE O
AUTOR, VÁ ATÉ A SESSÃO
"PANTEÃO DE
COLABORADORES"

PSICOPOMPO: UM GUIA DE VIDAS

POR ROSANGELA APARECIDA CORRÊA

Ah, Bendita seja a Sincronicidade! E igualmente, Bendita seja a Angústia que nos toma diante do potencial de um projeto tão amplo, imponente e igualmente generoso, que estou certa de que ainda não podemos vislumbrar ou abarcar. Pois bem, falar sobre Mitologia num primeiro momento pode parecer simples, especialmente, se o leitor estiver pouco familiarizado com o tema. Há tantas frentes, tantas narrativas, tantas abordagens, análises e interpretações análogo a um verdadeiro parque de diversões pra quem gosta, mas também asseguro diversão garantida, para os que tem curiosidade, coragem e audácia de empreender por este caminho para o mundo das mitologias, contos e afins. Quando a idealizadora desta revista me ofereceu a oportunidade de colaborar com o projeto, escrevendo um artigo sobre a temática Mitologia, confesso que a tal da “Bendita Angústia”, me desestabilizou - me pegou de jeito, como dito popular.

Como poderia falar de apenas um tema, quando há tantos assuntos interessantes a compartilhar?!?

Depois de angustiadamente marinada por um tempo, acordei no dia seguinte lembrando de um texto que escrevi há uns 10 anos, que abordava a temática Psicopompo, depois de breve análise percebi que não convinha reaproveitá-lo, mas ainda assim o tema continuava perfeito, e aqui temos um evento da tal da “Bendita Sincronicidade”, obtida através do insight sobre o tema abordado e intenção implícita deste estudo oferecer uma possibilidade manifesta de Psicopompo.

Basicamente, Psicopompo (psychopompós) é uma palavra de origem grega, que surge da junção de psyché (alma) e pompós (guia), que em si já carrega como função guiar ou conduzir almas a um determinado lugar, bem como percepções de eventuais iniciações e/ou transições de evento significativo; originalmente, a morte propriamente dita, seja em seu aspecto factual e/ou simbólico, signatária da ocorrência. Segundo o Dicionário Crítico de Análise Junguiana: "A figura que guia a alma em ocasiões de iniciação e transição:

"uma função tradicionalmente atribuída a Hermes no mito grego, pois ele acompanhava as almas dos mortos e era capaz de transitar entre as polaridades (não somente a morte e a vida, mas também a noite e o dia, o céu e a terra)".

Os psicopompos são encarregados de conduzir as almas em sua última viagem, levando em conta a existência de uma vida, ou continuação desta, após a morte física. Há um consenso entre a maioria das culturas e religiões, sobre a existência da alma ou alguma identidade espiritual, tida como princípio vital. Considerando o pressuposto que a alma sendo imortal, abandona o corpo quando este perde os sinais vitais, podemos concluir que esta (alma), dirige-se ou encontrar-se em um outro plano ou região; como por exemplo, na grega temos o hades, na judaico-cristã temos o paraíso e o inferno, ou algo similar, nas demais culturas. Entretanto, quando este rito de passagens se dá sem o acompanhamento de um Psicopompo e as almas despertam e/ou tomam consciência da atual condição, por si mesmas sem conhecimento de seu lugar de destino, as superstições contam que podiam perder-se e vagar na terra pela eternidade, e é por isto que precisam de um guia.

É difícil precisar quando e onde surgiu a primeira entidade mítica encarregada de conduzir as almas dos defuntos aos seus respectivos destinos, há vários exemplos de psicopompos nas mitologias, sendo experimentado nas personificações de deuses, anjos, demônios, espíritos ou outros elementos

míticos manifestados em animais, por exemplo, que tenham a habilidade de transitar entre os mundos dos vivos e dos mortos. Entre os animais temos muitas indicações e citações como os chacais, cavalos, corujas, corvos, mariposas, entre outros e atuam como mediadores ou pontes entre as diferentes realidades espirituais, estando encarregados de resguardar as entradas, conexões e intercâmbio de ambas. Para ilustrar brevemente: o cão é um guia por excelência, encontrado em muitas civilizações e mitologias, como na do México procedentes das antigas tradições Maias e Nahuas, narram que ao morrer, as almas das pessoas devem atravessar um largo e caudaloso rio do submundo, para chegar a sua outra vida ou ao reino do deus da morte.

Para isto, nas margens se encontram os cães, que lá esperam para judá-las na travessia, pois são hábeis nadadores e capazes de carregá-las em seu lombo, levando-as sãs e salvas a outra costa; há, entretanto, a advertência que se alguém cair nas águas se perderá para sempre, por isto é recomendado tratar bem os cães em vida, pois quando morrem aguardam seus amos como fiéis companheiros.

Dentre as deidades, há além de Hermes (o mais famoso dos psicopompos) - filho de Zeus e Maia na Mitologia Grega, o próprio Caronte - barqueiro que conduzia as almas ao hades, bem como Mercúrio - Mitologia Romana, ou Ganesha - Mitologia Hindu (Indiana), ou Morrigan na Mitologia Celta, ou Xolotl na Mitologia Asteca(Mexicana), ou Exu - Mitologia Iorubá (Africana), ou Thot - Mitologia Egípcia, etc.

Como podemos perceber, há um rico e vasto material a ser explorado e certamente teremos oportunidade de compartilhá-los ao logo da bela vida que terá esta revista - Mitologia Aberta.

Muitos mitos e crenças foram esquecidos e/ou negligenciados no mundo ocidental, todavia, no início do século 20, Carl Gustav Jung, médico psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica, através de suas pesquisas e estudos sobre alquimia, retomou a figura do psicopompo e aplicou no exercício de sua psicologia analítica, como forma simbólica de mediar o intercâmbio, por vezes numinoso, entre os conteúdos inconsciente e consciente do indivíduo.

Segundo Whitmont (2002), o progresso do processo analítico depende da conscientização, afinal uma pessoa que faz terapia em tese busca se tornar mais consciente de si mesma. E Jung, numa nota de rodapé de um de seus livros, exemplifica a função transcendente de Psicopompo, através das associações de Hemes/Mercúrio nos textos alquímicos:

[O autor redigiu a seguinte nota para a edição inglesa (1953): "Nas obras alquímicas o significado da palavra "Mercurius" é dos mais variados; não designa apenas o elemento químico mercúrio (Hg), Mercurius (Hermes) o Deus, e Mercúrio o planeta, mas também - e antes de mais nada - a secreta "substância transformadora" que é ao mesmo tempo o "espírito" inerente a todas as criaturas vivas.

Estas diversas conotações aparecerão com maior clareza no decorrer do livro".](JUNG, 2012, p. 38).

Temos então muitas maneiras de observar e interagir com as manifestações de Psicopompo, além das já citadas podemos encontrá-los também em elementos consagrados em lendas, contos, histórias ancestrais, ou mesmo em manifestações contemporâneas através das várias forma de arte, como a literatura(6^a) e o cinema(7^a), e obviamente em nós mesmos, reles mortais em nossos cotidianos. Por exemplo, através de uma maginAÇÃO dirigida, podemos reeditar ressignificando um sonho(onírico), dando novos desfechos, conscientemente, aos enredos sonhados, possibilitando com isto, percepções, observações e redirecionamentos e possíveis ações sobre questões análogas à vida acordada do sonhador.

Citando alguns pouco exemplos da 7^a arte, tendo em mente o artifício simbólico de Psicopompo, e valendo-nos das analogias possíveis entre as narrativas ficcionais e nossas próprias demandas cotidianas, temos entre outros elementos do filme: Alice no País das Maravilhas, as figuras do coelho e/ou da lagarta, conduzindo Alice em vários momentos e circunstâncias durante a histórias, oferecendo informações e possibilidades de conhecimentos, ou seja, consciência de si e do meio em que estava inserida.

Ou, temos na cena antológica do filme: Matrix, quando Morpheus (Nome do Deus dos Sonhos na Mitologia Grega) oferece a Neo, as pílulas

azuis (“Celestial!?”), Ilusão, Superficial, Maya) e vermelha (“Telúrica!?”, Desilusão, Revelação, Brahman - Verdade Absoluta) – “e diga-se de passagem, em determinado ponto, Morpheus cita a obra sobre Alice, e sugere ser o coelho!”. O psicopompo não determina ou dita o caminho, mas sim, oferece opções, alternativas, indica o caminho e a decisão é sempre do indivíduo, por sua conta e risco.

Fechando os exemplos cinematográficos, proponho a lembrança do filme: Divertidamente, que nos apresenta de maneira lúdica a jornada de ressignificação de um dos eventos tristes experimentados pela personagem Riley, que gira entorno da derrota de um jogo coletivo, versos o fortalecimento dos laços familiares e os vínculos de amizade daquele grupo envolvido.

Psicopompo é como uma ponte, um meio, um caminho para algo significativo emergir, concluir, transformar, iniciar e/ou finalizar; é como uma iluminação, uma epifania, é o mediador entre o que percebemos conscientemente e apesar de ignorarmos circunstancialmente, acessamos quase que como obra do além; ou seja o que até então era inconsciente. Não carrega em si um juízo de valor moralista; por vezes, a manifestação do Psicopompo pode ser e/ou parecer desagradável ou mesmo devastadora a partir de uma determinada perspectiva, inserida em determinado tempo/espço, mas ainda assim, sua ação transformadora é inegável.

A arte de utilizarmos as narrativas mitologia, contos, lendas e afins, em si, e por si, também carregam os benefícios das ações e atuações dos Psicopompos. Pois através destas narrativas é possível operar um certo distanciamento das mazelas, misérias e conflitos humanos, e concomitantemente por analogia com as narrativas íntimas, podemos perceber e elaborar as mitologias pessoais, e com isto gera a possibilidade terapêuticas de curas individuais e/ou coletivas..

E pra concluir, proponho um desafio!
Psicopompo?!

Você se afiniza com a terminologia? com o conceito? Pois bem, seja ti também, de muitas e diversas maneiras, um psicopompo de sua própria existência!

REFERÊNCIAS

- JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Alquimia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- WHITMONT, Edward C. A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. Dicionário crítico de análise junguiana. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Sites acessados entre 04 e 08 de janeiro 2021:

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicopompo>>

<<https://es.wikipedia.org/wiki/Psicopompo>>

<<https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/el-perro-como-guia-al-inframundo#:~:text=Los%20nahuas%20y%20los%20mayas%20pensaban%20que%20cuando%20el%20esp%C3%A9ritu,veces%20lo%20enterraban%20con%20%C3%A9l.>>

<<https://www.muyinteresante.com.mx/leyendas-de-terror/nahuales-maestros-transformacion/>>

Filmes:

#Alice no país das maravilhas, Matrix e Divertidamente.



PARA SABER MAIS SOBRE O
AUTOR, VÁ ATÉ A SESSÃO
"PANTEÃO DE
COLABORADORES"

A IMPORTÂNCIA DO MITO DE EXU

POR JOSÉ APARECIDO PEDRO

Jung determinou a importância dos mitos nas diferentes culturas como forma de expressão do Inconsciente Coletivo. Também demonstrou como idolatria da razão, trazida pelo Iluminismo, fez com que nossa cultura cartesiana desprezasse esse importante canal de comunicação, causando uma cisão entre consciente e inconsciente, o que causa desequilíbrio e doença coletiva e pessoal.

Ao prestarmos atenção aos mitos, em especial aos mitos dos povos que formaram a nossa cultura, temos informações importantes para entender a dinâmica da nossa Psique Coletiva e também interpretar de forma mais profunda e assertiva os fenômenos sociais que nos acometem.

Os mitos africanos da cultura loruba, cultura da maioria dos negros que foram trazidos da África e escravizados no Brasil, têm uma força Inconsciente muito grande, em função da cultura negra ter sido distorcida pelo colonizador europeu como forma de dominação, pois, para justificar a escravidão e todo seu horror, o cristianismo da época inter-

pretava toda a manifestação cultural e religiosa dos negros como algo do mal, primitivo e ruim. A teologia cristã na época da escravidão ditava que os negros deveriam se submeter à servidão e à fé cristã para terem alma e se salvarem, pois o negro só passava ter alma e “ser gente” quando se batizava e se submetia aos seus “donos” brancos.

A força dos mitos africanos está no fato dessa cultura e, por consequência, seus mitos, serem desprezados pelo nosso Consciente Coletivo, nossa cultura, e, conforme Jung, tudo aquilo que rejeitamos e desprezamos vai para o Inconsciente, e, estando lá, influencia e às vezes até define nosso comportamento sem o percebermos. As aberrações sociais são provas disso, como por exemplo o Nazismo.

Até hoje as religiões de matriz africana sofrem preconceito e violência, em função do escravismo e colonialismo europeu.

Um dos orixás mais incompreendidos e identificados com o mal, com o diabo, é Exu,

em função da forma de representação de sua imagem, muitas vezes com chifres e falo avantajado. Mas Exu não é demônio, e não é do bem ou do mal.

Exu é um Orixá mensageiro, que carrega consigo os opostos, o bom e o ruim, o movimento. É responsável por levar as mensagens do mundo dos orixás para os humanos, e vice-versa. Sem ele nenhum ritual do Candomblé pode se realizar. Exu é tão importante, que é o orixá que recebe a primeira oferenda.

Entendido isso, iremos reproduzir um dos vários mitos sobre Exu, que na opinião deste que vos escreve, tem muito a nos alertar.

“Exu leva dois amigos a uma luta de morte: Dois camponeses amigos puseram-se bem cedo a trabalhar em suas roças, mas um e outro deixaram de louvar Exu. Exu, que sempre lhes havia dado chuva e boas colheitas! Exu ficou furioso. Usando um boné pontudo, de um lado branco e de outro vermelho. Exu caminhou na divisa das roças. Tendo um à sua direita e outro à sua esquerda, passou entre os dois amigos e os cumprimentou enfaticamente. Os camponeses entreolharam-se. Quem era o desconhecido? “Quem é o estrangeiro de barrete branco? ”, perguntou um. “Quem é o estrangeiro de barrete vermelho? ”, perguntou outro.

O barrete era branco, branco”, frisou um. Não, o barrete era vermelho”, garantiu o outro. “Branco! Vermelho! Branco! Vermelho!” Para um, o desconhecido usava boné branco, para o outro, um boné vermelho. Começaram a discutir sobre a cor do barrete. “Branco! Vermelho! Branco! Vermelho!” Terminaram brigando a golpes de enxada, mataram-se mutuamente. Exu cantava e dançava. Exu estava vingado.”

Fonte: Prandi, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, 1ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Esse mito parece demonstrar que quando não damos atenção ao que está dentro de nós, às nossas contradições, projetamos o que não aceitamos em nós mesmos no outro, e com isso radicalizamos nossas posições e opiniões, não conseguindo enxergar o lado do outro e, pelo menos, respeitar suas opiniões e visão de mundo. Com isso, nos destruimos, a nós e ao outro.

Os radicalismos políticos e religiosos que estamos presenciando hoje e suas consequências tornam esse mito muito atual.

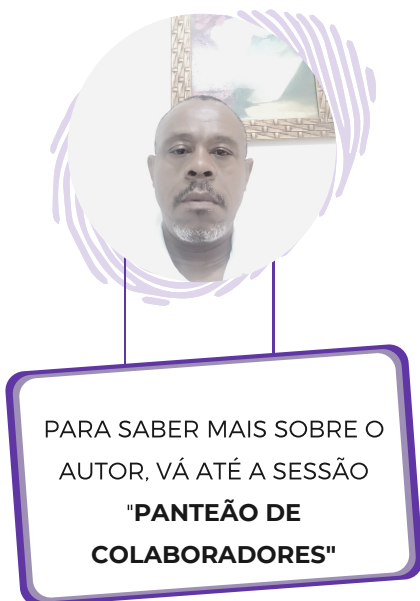
Coletivamente, estamos tão extremados que não conseguimos mais fazer o mínimo de esforço para enxergar e entender a visão do outro.

Esses radicalismos abrem espaço para fundamentalismos, fanatismos, e o resultado é o que vemos hoje no mundo e em nosso país, ou seja, povo dividido entre esquerda e direita, capitalista e comunista, lulista e bolsonarista, etc.

O que estamos colhendo de tudo isso, citando apenas um exemplo, é a apatia coletiva diante de mais de 200.000 mortos até o momento, mortes essas que poderiam ser em menor número se população e governos tivessem o mesmo discurso e a mesma prática, e se não estivéssemos tão divididos e radicalizados.

REFERÊNCIAS

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, 1ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras.



ASPECTOS DIONISIÁCOS DA VIDA EM SOCIEDADE

POR LARISSA DIAS

A mitologia nos apresentou um dos deuses de maior aceitação interna, mas que também é um dos de maior rejeição externa em uma sociedade: Dionísio.

O mito do deus Dionísio, descrito em “As Bacas”, tragédia clássica de Eurípedes, nos apresenta um universo de grande delírio literário. O mito conta a história de um deus nascido do rei dos deuses do Olimpo, Zeus, e de Sêmele, uma mortal (EURÍPEDES, 1995).

Considerado como uma divindade do vinho, do teatro e da fertilidade, segundo Willis (2007), o mito de Dionísio se propagou pelo mundo onde foi tema de diversos autores, e suas características foram exaustivamente abordadas em diversas publicações modernas e clássicas, incluindo influências nas obras de Nietzsche (NIETZSCHE, 2007).

Mas quais fatores levaram este deus, Dionísio, a ser tão cultuado na sociedade antiga e seu mito difundido na sociedade atual, despertando o interesse neste deus em diversas ordens sociais?

Neste artigo serão abordados este e outros aspectos do dionisismo na sociedade.

Abordagem Poética

Quem estuda apaixonadamente algo percebe como os textos, por mais extensos e às vezes até exaustivos, parecem-nos poesia quando nosso interesse rege uma ordem deslumbrante ao nosso conhecimento.

Pensando por este ângulo, creio que uma das melhores formas de abordar o mito dionisiaco é por meio de uma análise das principais características deste deus. Para isso, utilizarei poemas que foram elaborados especialmente para este artigo.

Os poemas serão divididos em três partes e após cada parte seguirá uma análise da influência do aspecto em questão dentro do contexto social atual.

.1 - Aspecto 1 – Exaltação ao Vinho

*Ó vinho doce e amargo,
Ó cachoeira purpúrea em fonte rosada
Minha aberta boca a ti trago,
Em uma audaciosa sede desvelada.
E se a ti corro nesta hora
É porque preciso de seu líquido perfeito
Como tu também precisasses outrora,
Dos meus pés, de onde fostes feito.*

*Embriaga-me com teu doce sabor
E leva-me a tão sonhada loucura
Se um pobre ser te pede com ardor
Para se tornar a mais feliz das criaturas.
E se humanos, coragem não têm neste
instante
De serem verdadeiros em palavras
Que este púrpuro vinho constante
Faça surgir as verdades reveladas.*

*O homem não tem coragem para ser
Porque os costumes lhe impedem de alçar voo
distante
Mas o nado neste rio do saber,
Que é tão parecido com nosso próprio sangue
Faz-nos perceber como é bom ser “real”
E por mais que a sociedade deixe de sorrir
E franza o cenho esta idosa moral
Não poderão ao teu comando, me impedir.*

Neste primeiro aspecto de Dionísio, como deus do vinho, salientamos Dionísio como deus dos excessos e como um deus ambivalente, assim como o próprio elemento em questão, o vinho.

Especialistas médicos admitem que o consumo moderado do vinho pode fazer bem a saúde por reduzir a possibilidade de ocorrência de doenças cardiovasculares. Mas, conforme está descrito, trata-se do consumo moderado.

O vinho, quando em excesso, pode causar danos cerebrais, ao fígado e alcoolismo. O fato é que o vinho possui aspectos positivos e negativos que devem ser observados.

Alguns artistas, como músicos, poetas e pintores, costumam apreciar o uso do vinho para que este transporte-os a um mundo onde suas sensações estejam mais afloradas, quando fica mais fácil se inspirar para a arte.

A sensação do relaxamento do vinho desvia nossa atenção da rotina e assim é possível um contato maior e mais intenso com nosso intelecto, onde a demonstração mais típica é chamada de “inspiração”

No tocante à sociedade, o vinho é um elemento bem aceito por conta do seu benefício à saúde e do seu glamour. Beber com os amigos ajuda a descontrair, e quando a bebida em questão é o vinho, o costume social remete a sofisticação. (MAFESSOLI, 2005)

Claro que os excessos causam graves danos, como a embriaguez, que pode prejudicar o embriagado pela perda da noção de espaço e, às vezes, de respeito, além de outros agravantes para a saúde.

Segundo Trabulsi (2004), o culto dionisíaco é descrito por Eurípedes como uma exaltação ao deus onde sua presença leva ao êxtase. Assim, a sensação de loucura das bacantes causada pelo poder do deus é comparável à “abertura à inspiração” causada pelo efeito do álcool aos artistas.

O dionisismo possui aspectos da realidade que podem ser bem entendidos como a realidade individual de cada ser inserido em um coletivo, pois cada aspecto da vida em sociedade gera uma característica que na cultura grega, era explicada como uma divindade. Assim, cada deus possuía a polaridade do aspecto que lhe dá vida e o vinho, neste caso, vem a salientar esta realidade contida em Dionísio.

2 - Aspecto 2 – Exaltação ao Teatro

*Ah, o teatro, este palco carnal
Onde se encenam com as próprias vidas
O bem e o mal
Entre tão doces intrigas
E o amor, protagonista eleito
Que de tanto atuar se mostra real
E invade do expectador, o peito
Explodindo em intenso carnaval.*

*São tantas máscaras a representar
Que o ator se confunde nesta trama
Onde os "intocáveis" se põem apenas a olhar
Sem viver, de fato, o poder do drama.
A representação do símbolo da realidade
Fere e escandaliza a massa
Que, independente da classe social e idade
Não percebe o que se passa.*

*Dionísio, inspirador do artista
E da arte de representar
Deus do teatro e de tudo o que mais exista
Na válvula propulsora do sonhar.
Não há máscaras, tudo é confundido:
Ator, arte, expectador e personagem
Não se sabe o que é vida, morte ou castigo
Tudo se mistura na mesma imagem.*

*A ti, deus adorado e querido
Irei levantar honras da festa teatral
Teu semblante feroz te faz o melhor amigo
Do amargo e do doce, do bem e do mal.
Representação da verdade, hei de te exaltar
E que meu canto ecoe dentro e fora de mim
Poeta das árvores, ator do luar
E que seu espetáculo jamais tenha fim!*

As atitudes “imorais” de alguns artistas podem escandalizar a sociedade, que imediatamente aponta seu dedo de juiz exemplar. Mas essas críticas realmente teriam fundamento? São reais mesmo? Já paramos para pensar de outro modo, tentando enxergar a origem desta forma de julgamento? Será que a inveja das “pessoas comuns” não as faz querer viver a realidade dos artistas e transforma em loucura a mais fiel das realidades?

Estas perguntas, infelizmente, não são frequentemente feitas por nós e isto acaba excluindo de nossa sociedade o modo alternativo de vida como um meio de ser. E que entendamos aqui “alternativo” como algo fora do padrão da maioria das pessoas de um determinado espaço e tempo.

Dionísio aqui é colocado como deus das representações teatrais, conforme Trabulsi (2004). cremos que o “realismo”, a forma vívida e intensa que existe quando se representa uma personagem, faz desta atitude do artista algo dionisíaco.

Não só no teatro esta forma aparece, podemos considerá-la em qualquer empreitada em que a intensidade possa ser um fator determinante, batendo de frente com a razão, e às vezes, a ultrapassando.

Normalmente isto é muito perigoso para o dito “homem comum”. Este pretende viver em harmonia com a sociedade, sem nenhum problema para que possa ser aceito no ambiente coletivo e longe do caos. Mas a verdade coletiva e moral que tenta ir contra o caos não é, às vezes, nem sombra de nossas verdades individuais.

O teatro teve sua origem no século VI a.C., na Grécia, surgindo das festas dionisíacas realizadas em homenagem ao deus Dionísio, deus do vinho, do teatro e da fertilidade (TRABULSI, 2004).

Essas festas, que eram rituais sagrados, procissões e recitais que duravam dias seguidos, aconteciam uma vez por ano na primavera, períodos em que era feito o vinho naquela região. Um dia um participante decidiu representar o deus Dionísio com uma máscara, o que causou espanto, pois ele, simples mortal, estava representando um deus.

O espanto dos gregos estava na representação de uma divindade por um mortal. E o que espanta a sociedade atual é a nossa tentativa de sermos deuses. Acabamos nos esquecendo de sermos mortais, seres naturais que possuem verdades individuais, antes da perfeição a que tentamos chegar neste verdadeiro “drama” da sociedade moderna.

A existência humana é teatral e Dionísio, como deus do teatro, deveria ser regente desta parte da vida.

3 – Aspecto 3 – Exaltação à fertilidade

*Não hei de me contentar com apenas uma flor
Se eu conheço campos silvestres onde
Amarei todas as flores sem pudor
Porque não há verdade sob o capuz de um monge.*

*Como poderia eu, nesta voluptuosidade
Esconder-me atrás de um falso pudor
Se não há graça na unidade
Que reduz a singelo um aterrador amor?*

*Meu canto é para muitos, eterno
Um só o ouvirá abafado e triste
Minha dança não tem destino certo
Dançarei com tudo o que existe!
A opressão não poderá me calar
Pois a inveja é fruto desta opressão
Esta falsa mulher que atira pudor no ar
A mais libertina, porém no coração.*

*Mentir a si mesmo leva a mentir aos demais
Ou a eterna infelicidade e sofrimento
Se nos braços de apenas um rapaz
Inicia-se seu doce tormento.
Se os amantes buscam na branca lua
Permissão para os desejos guardados
É porque a verdade, quando nua,
Mostra seu impressionante corpo sagrado.*

*Ó hipocrisia mentirosa e infeliz!
Que faz parte de um culto da sociedade da
moral
Que em uma gaiola se torna perdiz
Almejando o espaço sideral.
Meu olhar é transparente e brancas são
minhas mãos
Não há mentira e não há pecado.
A verdade se apresenta como um garanhão
Que pode, em veloz galope, não nos trazer
agrado.*

Dionísio como deus da fertilidade é ligado à deusa grega Deméter, deusa das terras férteis (DA ROSA, 2010). Mas a característica de seu culto que possui mais relação com este aspecto é o seu conteúdo orgiástico, que segundo Mafessoli (2005), pode ser visto como a perda do indivíduo em um sujeito coletivo.

A questão do conteúdo simbólico orgiástico dentro da sociedade precisa ser analisada sob uma ótica livre de tabus. O sentimento que lhe dá origem, o sentimento dionisíaco, existe independente do tempo, do espaço, das condições políticas, financeiras e até mesmo religiosas. Quando existem tabus, o que ocorre é

a negação deste sentimento e, conseqüentemente, da nossa existência, através das regras de uma moral estabelecida.

Pode ser complicado pensar no sentimento dionisíaco no aspecto orgiástico se pensarmos em uma sociedade. (BENCHIMOL, 2003). De início, podemos pensar de uma forma mais simplificada: o relacionamento em um casal (duas pessoas) é medido por padrões morais coletivos que muitas vezes se limitam a não satisfazer nenhuma dessas duas partes, mas sim a uma sociedade "casta". No meio deste jogo social, a traição pode se tornar uma saída, não muito correta para os padrões aceitos, mas existente, pois o "homem casto" não desonra sua esposa com seus "verdadeiros desejos", mas sim, a trai com a necessária prostituta alternativa. A "mulher casta" também pode apelar para a traição, se não encontrar meios de tornar do conhecimento do parceiro seus verdadeiros desejos sexuais.

A temática da traição é bem mais profunda, mas o que nos interessa aqui é observar que os padrões morais de uma sociedade nem sempre tendem a ir contra o caos. Talvez possa ir contra a um caos explícito, mas mantém a condição de um caos psíquico interno e velado.

Se os padrões morais de uma sociedade determinam o sexo como algo ruim e não como algo necessário à vida humana, acaba-se criando um "tabu" que faz com que cada vez se estenda uma ponte entre um casal que teme aparecer como "imoral" na sociedade onde vive e que num contexto social, não sabe fazer nada

além do que “o que manda o protocolo”.

Hoje em dia ainda se torna extremamente difícil a intensidade do sentimento dionisíaco e quando ele existe deve estar “escondido”. Na antiguidade, o dionisismo também era marginalizado. Apenas em alguns momentos seu culto se tornou necessário (BENCHIMOL, 2003), mas mesmo assim suas formas foram muito modificadas. Mas o que nos interessa como seres humanos, é entender como desbravar o deus Dionísio em nós, para que a verdade possa agir em nós mesmos e nos reger ao “caminho da felicidade”.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Márcio. Apolo e Dionísio Arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche. São Paulo: Editora Annablume: FAPESP, 2003.

DA ROSA, Edvanda Bonavina [et. al.]. Hinos Homéricos; edição e organização Wilson Alves Ribeiro, Jr. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

EURÍPEDES. Bacas – O mito de Dionísio – Edição Bilíngüe. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

MAFFESOLI, Michel. A sombra de Dionísio – Contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução Rogério de Almeida – 2ª Ed. São Paulo: Editora Zouk, 1994.

NIETZCHE, Friedrich. O Anticristo: Maldição ao Cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TRABULSI, José Antônio Dabdab. Dionisismo, Poder e Sociedade na Grécia até o fim da época clássica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

WILLIS, Roy. Mitologias. Tradução de Thaís Costa e Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2007.



PARA SABER MAIS SOBRE O
AUTOR, VÁ ATÉ A SESSÃO
**"PANTEÃO DE
COLABORADORES"**

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

COLEÇÃO: AS MÁSCARAS DE DEUS
AUTOR: JOSEPH CAMPBELL

A primeira indicação dessa edição, é a coleção: "As Máscaras de Deus" de Joseph Campbell, que é um mitólogo completamente apaixonado e capaz de trazer uma emoção imensa às histórias e ao leitor.

Este foi um dos primeiros livros que li e que introduziram a mitologia na minha vida de forma muito mais firme e cheia de vida, quando eu tinha lá pelos meus dezoito aninhos!

Trata-se de um estudo muito bem estruturado das mitologias do mundo todo, a chamada mitologia comparada, que é quando observa-se as semelhanças entre os mitos de vários países.

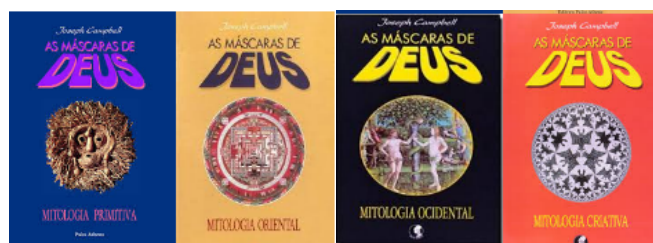
O primeiro volume, **Mitologia Primitiva**, aborda a mitologia da época das cavernas, trazendo descobertas importantes daquela época, incluindo as deusas da fertilidade que apareceram em várias regiões, distantes umas das outras, o que reforça a teoria de que os mitos do mundo todo podem se repetir, mesmo que uma sociedade nunca tenha tido contato com a outra.

O segundo volume, **Mitologia Oriental**, traz a mitologia da Índia e toda sua vastidão e seus aspectos de duplas e tríades divinas, além das mitologias do Extremo Oriente, como da China, Japão e do Tibete.

O terceiro volume, **Mitologia Ocidental**, traz um estudo da mitologia da deusa, dos heróis, abordando os mitos gregos, romanos, persas, mitos do cristianismo, do islamismo e muitos outros.

O quarto e último volume, **Mitologia Criativa**, traz aspectos simbólicos dos mitos de Tristão e Isolda, do Rei Pescador, mitos do Rei Arthur e muito, muito mais! Leia e aprecie as cerca de 2mil páginas de puro encantamento.

Larissa Dias



BIBLIOTECA DE THOTH



LIVRO: HÁVAMÁL - AS PALAVRAS DE SABEDORIA DE ODINN
AUTOR: ALLAN P. MARANTE

A segunda indicação desse número é o livro "Hávamál" do jornalista, pesquisador da cultura nórdica e palestrante Allan Marante.

Este livro está em uma edição bilíngue, em Português e Nórdico Antigo, o que possibilita aos leitores conhecerem sobre o poema em sua língua original.

Além disso, a tradução de Allan conta com minucioso cuidado e carinho com que o autor nos traz esse conhecimento de uma forma sagrada, de modo que possamos aprovieta-lo com toda a força com que o antigos usavam essas mesmas palavras.

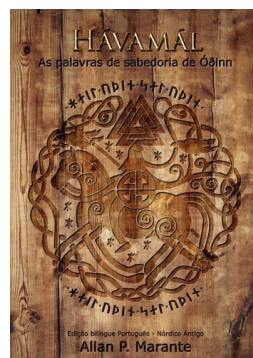
Logo no início do livro existe uma nota que explica o som dos termos escritos em nórdico antigo e em algumas línguas escandinavas. Isso porque, para os antigos, quando se pronunciava um poema sagrado, era necessário fazê-lo corretamente para que as intenções não fossem modificadas.

Compatilho aqui um trecho dos que mais gosto deste livro, que me toca profundamente, e que traz o momento do sacrifício de Odin na grande árvore do mundo:

*"138. Eu sei que me pendurei
na árvore balançada pelo vento
por nove noites,
ferido pela lança
ok gefinn Ódni (e dedicado a Ódin),
eu mesmo a mim mesmo,
naquela árvore,
que nenhum homem sabe
onde crescem suas raízes."*

Depois desta breve demonstração, somente conhecendo este livro e a vasta obra deste autor para sentir de fato como ela expressa uma sabedoria antiga, bela e regada de poder. Boa leitura!

Larissa Dias



VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

ARTISTA: Tuatha de Danann

CD: In Nomine Éireann (A mitologia e o Heavy Metal!)



O encanto narrativo que a mitologia entrega para todas as formas da arte permite que seus reflexos sejam percebidos direta ou indiretamente no cinema, na literatura, na arquitetura, em esculturas, em pinturas e, obviamente, na música. No Heavy Metal, gênero musical bastante conhecido por suas letras de cunho histórico, mitológico e fantasioso, não poderia ser diferente. A compreensão profunda dessas histórias e mitos está no cerne do nascimento de uma nova vertente cultural dentro do Metal, que progressivamente tornaram possível o surgimento daquele que seria um dos gêneros mais populares e importantes da música pesada, o Folk Metal. Em 2001, quando do lançamento de "Tingaralatingadun", o Tuatha de Danann tornou-se reconhecidamente a banda mais importante da história desse gênero no Brasil, posto esse que

nunca deixou de ocupar desde então, obtendo projeção internacional e atingindo públicos de todas as esferas do Heavy Metal. De lá pra cá a banda lançou outros cinco álbuns de estúdio - além de registros ao vivo e projetos paralelos - participou do maior evento de Heavy Metal do mundo, o Wacken Open Air, com o título de vencedora de uma competição nacional que os levou até o festival e passou por algumas mudanças consideráveis de formação, o que fez a banda praticamente parar suas atividades por um longo período. O Tuatha de Danann foi formado em 1995, na cidade mineira de Varginha, onde ainda muito jovens, já deixavam bastante claras suas notórias influências e interesses pela mitologia, o que permitia perceber isso naturalmente em sua música carregada de instrumentações épicas e folclóricas e letras epopeicas sobre mitos e lendas de sua própria cultura e da cultura de outros povos.

Admiradores confessos da cultura irlandesa, a banda apresentou em seu mais recente registro de estúdio, "In Nomine Éireann", uma verdadeira celebração à música e a cultura desse

VITROLA DE ORFEU



país tão rico em lendas, mitos e histórias. O próprio nome da banda, Tuatha de Danann, provém da mitologia irlandesa e significa algo como "Povos da deusa Danu". De acordo com o "Livro das Invasões da Irlanda", o povo de Danú foi o quinto grupo de habitantes da Irlanda e representavam as divindades dos goidélicos irlandeses. Sua natureza sobrenatural e religiosa ainda é exposta em inúmeras ocasiões de versões cristãs dos mitos celtas.

Revisitando a trajetória do Tuatha, não faltam exemplos em sua discografia de canções que abordam temas mitológicos. Logo no primeiro disco oficial de estúdio, auto-intitulado, de 1999, a pesadíssima e épica "Immrama" aborda a jornada de um herói pelo mar para o Tír na nÓg (Que também é tema de outra canção que veremos logo adiante). A immram, ou immrama no plural, preserva elementos da mitologia irlandesa e é comumente traduzido como "viagem". Documentos medievais listam sete immrama, três das quais sobreviveram: a Viagem de Mael Dúin, a Viagem do Uí Chorra e a Viagem de Snedgus e Mac Riagla. A Viagem de Bran também figura nessas listas como uma aventura, embora possua elementos essenciais da immrama. As immrama são observadas por seu foco nas proezas dos heróis durante sua busca por Tír na nÓg, localizado em ilhas dis-

tantes a oeste da Irlanda. O herói comumente começa sua viagem por amor à aventura ou por cumprimento de seu destino, e geralmente chega a outras ilhas fantásticas antes de alcançar seu objetivo. "Oh! Great Mother Dana, please guide me. Bless my long way, look after me. 'I'll thank you eternally!'" Immrama, Tuatha de Danann, 1999.

O já citado Outro Mundo, ou Tír na NÓg, conhecida em inglês como Land of Eternal Youth (Terra da Eterna Juventude), é tema de uma das canções mais populares da banda, "Tir Nan Og (Land of Youth)", do disco "Trova Di Danú", de 2004. Tír na NÓg é o mais popular dos Outros Mundos na mitologia irlandesa, muito conhecido pelo mito de Oisín (que nos conecta às canções abordadas no próximo parágrafo). Tír na NÓg foi onde os Tuatha Dé Danann se estabeleceram depois de abandonar a Irlanda, tornando-se a terra de alguns dos maiores heróis irlandeses.

"Welcome this our home call Tir nan Og. This magical song is played for you. Let's dance and drink - we praise the love". Tir Nan Og (Land of Youth), Tuatha de Danann, 2004.

Oisín, tema de duas canções do Tuatha de Danann, "Oisín", do disco de estreia de 1999 e "The Wanderings of Oisín", do disco "The Delirium Has Just Begun...",

VITROLA DE ORFEU



Tuatha de Danann, provém da mitologia irlandesa e significa algo como "Povos da deusa Danu". De acordo com o "Livro das Invasões da Irlanda", o povo de Danú foi o quinto Igrupo de habitantes da Irlanda e representavam as divindades dos goidélicos irlandeses. Sua natureza sobrenatural e religiosa ainda é exposta em inúmeras ocasiões de versões cristãs dos mitos celtas.

Revisitando a trajetória do Tuatha, não faltam exemplos em sua discografia de canções que abordam temas mitológicos. Logo no primeiro disco oficial de estúdio, auto-intitulado, de 1999, a pesadíssima e épica "Immrama" aborda a jornada de um herói pelo mar para o Tír na nÓg (Que também é tema de outra canção que veremos logo adiante). A immram, ou immrama no plural, preserva elementos da mitologia irlandesa e é comumente traduzido como "viagem". Documentos medievais listam sete immrama, três das quais sobreviveram: a Viagem de Mael Dúin, a Viagem do Uí Chorra e a Viagem de Snedgus e Mac Riagla. A Viagem de Bran também figura nessas listas como uma aventura, embora possua elementos essenciais da immrama. As immrama são observadas por seu foco nas proezas dos heróis durante sua busca por Tír na nÓg, localizado em ilhas distantes a oeste da Irlanda. O herói comumente começa sua viagem por

amor à aventura ou por cumprimento de seu destino, e geralmente chega a outras ilhas fantásticas antes de alcançar seu objetivo. "Oh! Great Mother Dana, please guide me. Bless my long way, look after me. 'Il thank you eternally!" Immrama, Tuatha de Danann, 1999.

O já citado Outro Mundo, ou Tír na NÓg, conhecida em inglês como Land of Eternal Youth (Terra da Eterna Juventude), é tema de uma das canções mais populares da banda, "Tír Nan Og (Land of Youth)", do disco "Trova Di Danú", de 2004. Tír na NÓg é o mais popular dos Outros Mundos na mitologia irlandesa, muito conhecido pelo mito de Oisín (que nos conecta às canções abordadas no próximo parágrafo). Tír na NÓg foi onde os Tuatha Dé Danann se estabeleceram depois de abandonar a Irlanda, tornando-se a terra de alguns dos maiores heróis irlandeses.

"Welcome this our home call Tir nan Og. This magical song is played for you. Let's dance and drink - we praise the love". Tir Nan Og (Land of Youth), Tuatha de Danann, 2004.

Oisín, tema de duas canções do Tuatha de Danann, "Oisín", do disco de estreia de 1999 e "The Wanderings of Oisín", do disco "The Delirium Has Just Begun...", de 2002, foi um guerreiro e poeta dos fianna no Ciclo Feniano da

VITROLA DE ORFEU



Mitologia irlandesa. Ele é o narrador da maior parte de sua trajetória e sua história nos conta que sua mãe, Sadb, foi transformada em gamo por um druida, Frer Doirich. Quando Fionn estava caçando, capturou-a, mas não a matou, e ela voltou à forma humana. Fionn renunciou às caçadas e lutas para morar com Sadbh, e logo ela engravidou, mas Fer Doirich transformou-a novamente num gamo e ela voltou à natureza. Sete anos depois, Fionn encontrou a criança a qual ela havia dado à luz, nua, em Ben Bulben. Frer Doirich. Quando Fionn estava caçando, capturou-a, mas não a matou, e ela voltou à forma humana. Fionn renunciou às caçadas e lutas para morar com Sadbh, e logo ela engravidou, mas Fer Doirich transformou-a novamente num gamo e ela voltou à natureza. Sete anos depois, Fionn encontrou a criança a qual ela havia dado à luz, nua, em Ben Bulben.

"She came through the sea to calling me from the land of Dreams. My princess from the sidh. So well we rode above the sea, her arms on me no time nor dreams". The Wanderings of Oisín, Tuatha de Danann, 2002.

A instrumental "The Oghma's Rheel", do "Trova Di Danú", de 2004, sem dizer uma única palavra nos conta através de sua melodia deliciosa e cativante sobre Ogma, deus da mitologia irlandesa

e escocesa membro da Tuatha Dé Danann. Ogma é considerado frequentemente uma divindade relacionada ao deus gaulês Ogmios. De acordo com o Ogam Tract, ele é o criador do Ogham, a escrita em que o gaélico irlandês foi escrito pela primeira vez.

Saindo um pouco da mitologia, mas é bastante válido citar, em "Tingaralatingadun", de 2001, a poderosa canção "Vercingetorix" marcha ao ritmo impositivo do líder gaulês do povo dos arvernos que "comandou a grande revolta gaulesa contra os romanos entre 53 a.C. - 52 a.C. Vercingetorix tornou-se bastante conhecido por ser a inspiração para a criação de Asterix, personagem popular de história em quadrinhos e desenho animado.

"The son of Centill now falls like the rain. He tried to deffend our precious land. His name is Vercingetorix - The hero of all the Gaulish. The king of higher truth". Vercingetorix, Tuatha de Danann, 2001.

Finalizando esse passeio pela mitologia e pela história do Tuatha de Danann, voltamos ao dias de hoje, no já citado lançamento mais recente da banda, "In Nomine Éireann", de 2020, a canção "Newry Highwayman", tema do século XVIII, cujo o eu-lírico é um salteador das estradas irlandesas que é

VITROLA DE ORFEU



condenado à morte pela coroa inglesa. Esse tipo de figura no folclore irlandês colonial, o salteador, assumia traços quase heróicos junto à população, pois seus atos contra as autoridades e elites coloniais na ilha representavam muitas vezes pequenas vitórias do coletivo oprimido em meio a tantas derrotas políticas e sociais. São representações do povo por ele mesmo, encarando suas fraquezas, suas derrotas e sua realidade.

Sem o conhecimento da mitologia, não só a música do Tuatha de Danann, mas uma parte significativa da beleza das artes não pode ser devidamente compreendida e apreciada em sua totalidade. Conhecer e aprofundar-se na mitologia evocará dos recônditos mais profundos de sua alma as vívidas figuras de heróis e guerreiros com seus feitos que seguem sendo passados de geração em geração, de deusas e cenários de uma beleza ímpar e que fomenta os feitos de grandes conquistadores.

Ao ignorar a mitologia todas essas infinitas possibilidades tornar-se-iam simplesmente impraticáveis, mas ao dar luz à seu conhecimento, muito do que antes eram apenas palavras sobre o desconhecido se torna claro, belo e musical como a tão vasta, peculiar e prolífica obra do Tuatha de Danann.

Luis F. Ribeiro, Hell Yeah Music Company

ARTISTA: MARCOS FERREIRA-SANTOS
CD: ARKHEOPHONIAS (VOL. I E II)



Os álbuns são resultados de mais de quatro décadas de investigação e intervenção poética, inter-étnica e político-social, como folclorista e como professor de mitologia, com financiamentos pela FAPESP, CAPES, Fundo de Cultura e Extensão - USP, Ministério de Educación, Cultura y Deportes de España, Universidad de Deusto (Bilbao, País Basco), Universidad Ramon LLuhl (Barcelona), Universidad Complutense de Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, Univeridad Nacional de Ecuador, Universidad de Talc y Universidad de Concepción (Chile), Pós Graduação em Ciências da Religião da UFPB e do Conservatório Musical da UFPel. Radicado na zona rural da região da Serra da Cuesta (Próximo a Botucatu, há 200km se São Paulo), os dois volumes desta obra reúnem canções com um amplo espectro de ritmos como huayno andino, ghazal indiano purahei jahe´o guarani, nawwari

VITROLA DE ORFEU



libanês, mantras védicos, toré kariri-xokó, martxa eskalduna, ditrambo grego, trova medieval latina, chamamé, milongas, baguala e vidala do noroeste argentino, barravento, kirtan sufi, ciranda praieira e catira caipira indígena, entre outros. Assim como nas investigações e docência em mitologia comparada, a paisagem sonora estabelece diálogos entre os mitos de origem dos instrumentos musicais, suas atualizações em manifestações populares e sua perenidade ancestral, permeada pela veia mitopoética no processo de criação em camadas superpostas em diálogo vertical, influenciado nos arranjos, sobretudo, por Pandit Ravi Shankar (1921-2012), Jorge Milchberg (1928-), argentino fundador do grupo parisiense los inkas/urubamba (desde 1956), e Elomar Figueira Mello (Vitória da Conquista, 1937-). Conta com a participação especial da guitarra de Iago Pedroso (Symptomen), Coral Canto de Todos os Cantos (lab_arte-FEUSP), sob regência de Lucymara Apostólico, Coro Discente da UNAE - Universidade Nacional de Educación (Equador), vozes de: Fabiana Rubira, Lais Schalch (núcleo de Dança Indiana Lab_Arte e bailarina de Bharatanatyam), Lorena Galati, Fernanda Coimbra, Luisa Carvalho (também flautas transversal e píforo), André Luis Pereira (também gaita),

Renata Ferré, Dandara Ferré, Zoé Ferré, Sophie Arenhovel (Alemanha), Marlon Cruz (também taquedrum e dendél), Raíssa Corso Padial (também berimbau de boca), Ronnie de Almeida (viola caipira), Vktor Aijo (voz e canto bifônico mongol), Leo Liberti (piano), Rogério de Almeida (teclados), Grupo Uruá e Grupo Opus (1986).

Voices incidentais em homenagem com gravações históricas: Violeta Parra (Chile), Victor Jara (Chile), Lhasa de Sela (México / Canadá), Aleka Kannelidou (Grécia), Chandralekha Patel (Índia), Istvan Sky (Hungria), Ravi Shankar (Sítar, Índia), Dorival Caymmi e Milton Nascimento.

Canções antigas, desde 1979, na militância contra os golpes militares (Chile e Brasil) e nos compromissos com a causa indígena dos povos originários (América Latina, Ásia Central e Arquipélagos do Pacífico Sul - Uchinanchu e Ainu), quando ainda utilizava o pseudônimo de "Arauco, el Brujo". Há registros históricos remasterizados e releituras atuais de suas canções com instrumentos orgânicos e indígenas (afroameríndios e orientais), como as flautas quena, quenacho e tarkas bolivianas, antaras (zampoñas) andinas, (toyo, sanká, sobresanka, mawta, rondador), bansuri indiano, flautas xinguanas, pinkulo e

VITROLA DE ORFEU



dulzainas ecuatorianas, ocarinas colombianas, sheng e dizi chinesas; além das cordas: charango boliviano, cuatro venezuelano, viola caipira em afinação de rio abaixo, barbiton (lira de Sappho), morin khur mongol (violino de cabeça de cavalo), er-hu chinês, alaúde egípcio com afinação libanesa, rabeca cangaceira; e tambores como: wankar andino, tinya tucumana, bombo leguero argentino, alfaia litorânea, caixeira do divino, atabaques yorubá, djembê senegalês, tabla indiana, tengri mongol (tambor shamânico), tambor sioux, udu peruano (ânfora de barro), calabazón malinesa, txalaparta basca, cajón peruano, darbaki marroquino, cultrum mapuche e amplo leque de efeitos percursivos e sonoros orgânicos para uma paisagem sonora.

Como decorrência da translinguística poética mítica que realiza nesta "cordilheira poética" (como lembraria o poeta João de Jesus Paes Loureiro), as canções de Marcos Ferreira-Santos transitam em criações em português, espanhol, inglês, francês, árabe, mongol, tamil, mandarim, bengali, basco (euskera), grego, nihongo, latim, húngaro, hindi, alemão, urchinanguchi, quéchua, mapugundun e guarani.

A produção sonora é a cargo do técnico Iago Pedroso (FATEC/Tatuí) em seu "Estúdio 8" (@iago.pedroso), que

com grande competência compreendeu bem a proposta inter-étnica disponibilizando uma micro afinação original para captar a paisagem sonora proposta. Resultante das conversas de estúdio, deve sair ainda uma série de vídeos em que se apresentam alguns dos instrumentos e microafinações utilizadas, batizadas de "conversas de estúdio", ampliando o alcance do resultado destes anos de investigação entre mito & música.

Outras gravações são históricas de shows ao vivo nos anos 80 e conversas-musicais mais recentes da década de 2010 a 2020, além de produções em seu estúdio no sítio "Niao Chao" (ninho de passarinhos, em mandarim, na Serra da Cuesta).

Tendo participado na fundação da uni - união das nações indígenas em 1980, ao lado de parentes queridos, como Ailton Krenak, Marcos Terena e outros, e em especial, desde que apresentou a "Missa da Terra sem Males", no Tuca (PUC-SP) em 1982, ao lado dos autores, saudoso Dom Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra e o cantautor argentino, Martin Coplas, além do Coral Luther King, na época sob regência de Regina Lucatto; a defesa inter-étnica e intercultural passou a ser uma "arma" poético-musical face a intolerância e o assassinio de povos afroameríndios.

VITROLA DE ORFEU



Como lembra o autor, na semana seguinte àquele evento, durante um dos primeiros congressos de direitos humanos ainda sob a ditadura, o teatro do tuca foi criminalmente incendiado pela extrema direita. É em função destas memórias e ações necessárias nesta "nova idade média" que o autor segue a lição do líder kinkang, Angelo Kretã, em uma roda de chimarrão na Aldeia de Mangueirinhas (Paraná), pouco antes cípado da fundação do Cice - Centro de estudos sobre imaginário, cultura e educação (1994) e o Lab_arte-Laboratório experimental de arte-educação & cultura (2004), na Faculdade de Educação - USP, onde consegui aliar a investigação mitológica de caráter intercultural com as intervenções em arte-educação.

Na sequência dos projetos de antologia, deverá sair ainda sua antologia poética (audiobook e ebook), assim como os três volumes em fase de diagramação do livro "cantiga leiga para um rio seco misturado de ponte & outras mitologias", resultado das teses de doutoramento (1998) e de livre-docência (2003) com as investigações sobre os territórios míticos quéchua (andino), guarani (terras baixas) e basco (euskal herria) e criações poéticas decorrentes das investigações, convívio e militância com as comunidades tradicionais (bhaktas, ameríndias, chinesas, mon-

góis, gitanos, aldeias afrodescendentes na América do Sul e península Ibérica).

Para quem deseja se aproximar desta área de investigação e criação em mito, música & iniciação, acompanhe a agenda em: www.marcosfe.net

Álbuns disponíveis gratuitamente nas plataformas musicais (spotify, deezer, etc...) e em seu canal Youtube: https://www.youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos

Spotify: <https://open.spotify.com/playlist/5VSbrGkAkYFuimk5yrq9EK>

Yanapakusun! (em quéchua: "juntos, por amor, encontraremos caminhos")
om shanti (em hindi: "que a paz sagrada esteja contigo")

Marcos Ferreira-Santos



HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve uma tia, um avô ou uma avó que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Então aqui serão relatadas as histórias contadas pelos mais velhos e que fazem parte da mitologia familiar brasileira

HISTÓRIA: O CORPO SECO CONTADOR: LUIZ JÚNIOR

Já ouviu falar do Corpo Seco?

Lenda do folclore brasileiro, há relatos de sua aparição no estado do Amapá, Paraná, Amazonas, Minas Gerais, São Paulo, no Nordeste brasileiro, e também em alguns países africanos de língua portuguesa, sendo muito comum no interior de São Paulo – em cidades do Vale do Paraíba, como Taubaté, Aparecida e região.

Também conhecido como Unhudo, gosta de aparecer entre a meia-noite e as quatro da manhã. Relatos apontam um ser muito magro e com longas unhas nas mãos. Dizem que o Corpo Seco foi um moleque muito mal educado que desrespeitava e batia nos pais. Quando ele morreu, nem o céu nem o inferno o quiseram, e ele foi condenado a vagar como alma penada. Outra versão aponta que ele era um fazendeiro muito egoísta, e que até hoje abraça as pessoas que querem roubar suas frutas.

Abraça até matar sufocado.

Na região do Paraná, principalmente próximos ao Vale do Ribeira, em São Paulo, há uma variante que coloca o Corpo Seco como um legítimo vampiro brasileiro, pois ele salta no pescoço das vítimas, as sugando até a morte.

Soldados da UNAVEM – Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola, relatam aparições na África muito semelhantes ao Corpo Seco.

Há um ditado popular baseado na lenda do Corpo Seco, que diz que “quem bate na mãe fica com a mão seca”.

Luiz Júnior

Fonte: Corpo Seco e Outras Histórias, de Luiz Junior.



ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaçagens na mitologia nórdica. Com ele nada era muito real, e sim mais fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

OBRA: SÉRIE DEUSES AMERICANOS (AMERICAN GODS)

AUTORES: BRYAN FULLER e MICHAEL GREEN

A série **Deuses Americanos** foi produzida pela Amazon Prime Video e está na sua **3ª temporada**. Ela é baseada em um romance de Neil Gaiman, escritor de vários livros, dentre eles o "Mitologia Nórdica".

A série trata da história de Shadow Moon e seu contato com as divindades que vieram para a América junto com a crença dos povos de várias culturas que a povoaram, em meio a uma terrível guerra entre os "Deuses Antigos" e os "Novos Deuses", que representam os aspectos tecnológicos do mundo moderno.

Toda trama é ótima mas a história fica muito mais rica para quem já conhece a mitologia que está por trás de tudo. Por isso, nesta resenha serão apresentados os personagens da 1ª e 2ª temporada, que são tão intrigantes:

Odin é o deus pai da mitologia nórdica. Na série seu nome é Wednesday, quem vem de Wōdnesdæg, que quer dizer o dia de Woden, outro nome para Odin. Ele é o deus da estratégia, das batalhas, da

conciliação, dos sacrifícios, da sabedoria, do poder e existem muitos outros atributos deste deus tão poderoso. Na primeira cena, há sacrifícios que os navegantes fazem para agradar a Odin. Eles furam um dos olhos simbolizando o olho que Odin sacrificou para ter sabedoria bebendo do poço Mimir. Porém, o sacrifício exigido por Odin tem a ver com a morte na batalha, pois ele sacrificou seu próprio corpo a si mesmo para obter o conhecimento mágico das runas. Nada nesta vida vem fácil.

Czernobog é uma divindade da mitologia eslava. Ele aparece em um dos mitos de criação onde ele e sua outra parte, Belobog, teriam criado o universo em sua perfeição. Embora seja o criador, seu nome quer dizer "deus negro". Isso faz referência a sua parte escura, ligada ao mal, porém a um mal natural, como a morte, a fome, o gelo que mata, entre outras coisas. Aparentemente, na mitologia eslava não há referência ao martelo, sendo esse um elemento que foi inserido na série fazendo menção à cultura norte-

ARQUIVOS DE LOKI



americana, onde existiam serial killers que usavam diversos instrumentos, dentre eles o martelo.

As **Zorya** são divindades do panteão eslavo (assim como Czernobog por isso estão na mesma "casa"). Elas são guardiãs do céu e são responsáveis por vigiar o cão do fim dos tempos, Simargl, que está acorrentado na constelação da Ursa Menor. Na mitologia eslava existem apenas duas Zorya: Zorya Utrennyaya (a Estrela da Manhã) e Zorya Vechernjaja (A Estrela da Noite), mas na série Deuses Americanos foi inserida uma terceira divindade, guardiã intermediária entre as Zorya originais.

Bilquis é uma divindade hebraica do amor e da fertilidade, que aparece mencionada na Torá. Ela também foi relacionada à Rainha de Sabá e seu grande poder é relacionado aos ritos de fertilidade e adoração sexual, pois quanto mais adorada era, mais poderosa poderia ser.

Anansi é uma divindade antropomórfica - na origem era uma aranha, mas pode ser metade homem e metade aranha ou se transformar ainda em humano - que existe na mitologia africana. Seus atributos são a famosa lábia, o poder de convencer homens e deuses com suas histórias. Ele atua sempre com um ar de esperteza, é ardiloso e não se importa de bater de frente com Odin, pois uma

das suas características no mito original é ir contra a vontade dos outros deuses. Ele é a divindade que trouxe o poder da história para os humanos, então aqui fica uma homenagem à ele, pois o que seria de nós sem as nossas histórias?

Anúbis é o deus dos mortos do Antigo Egito. Ele era responsável por conduzir quem morria em sua passagem para a vida pós morte. Isso incluía conduzir a pessoa ao local de seu julgamento, onde Osíris, Ísis, Thoth e outros deuses faziam o julgamento. Ele é um deus justo e companheiro, jamais sai do lado de quem protege e isso é representado por sua outra imagem, a do chacal. Na série, existe uma cena linda onde uma mulher que acabara de morrer, e que tinha outra religião, diz que não o segue mais por muito tempo e se ela seria bem-vinda em seu reino. Então Anúbis mostra sua face justa e bondosa e diz que se o coração dela passar no teste da balança de Maat, ela será merecedora da vida após a morte. Assim como com os deuses Eslavos, Anúbis e Thoth moram na "mesma casa", pois fazem parte do mesmo panteão religioso.

Thoth é o Deus da sabedoria, da lua, do oculto, mestre dos escribas do Antigo Egito. Não há registro de seu nascimento. Acreditava-se que o pensamento existia antes de tudo e por este motivo ele encarna a pura representação da razão. Representado

ARQUIVOS DE LOKI



como um homem com cabeça de íbis ou como um babuíno. Portava um cálamo (pincel para escrita) e a paleta de tintas. Com isso, controlava o poder da palavra escrita, que era lei perante os deuses. Seus mitos contam que criou os hieróglifos, o calendário e o jogo de xadrez. Na série, ele é quem conta a história de cada um dos personagens, pois ele é o guardião das histórias - assim como todos os deuses da sabedoria do mundo todo também eram, a exemplo de Ganesha, o deus hindu com cabeça de elefante que narra o Mahabaratha. Na série aparece em cenas de ritos de embalsamamento, pois na mitologia egípcia ele, assim como Anúbis, Osiris e Ísis, eram os deuses responsáveis pela passagem dos mortos.

Vulcan é o deus Vulcano (romano) ou Hefesto (grego). Ele é a divindade do fogo e da forja, filho de Júpiter/Zeus e Juno/Hera. Ele forjava todas as armas dos deuses e heróis, incluindo os raios de Zeus. Vive dentro do vulcão, de onde tira o poder para forjar armas tão poderosas (fogo e terra), além de ter maravilhosas habilidades manuais.

Thor aparece na série como Donar. Ele é filho de Odin e é o deus do trovão. Uma das características de Thor é que, ao contrário de outros deuses, ele é leal. Tendo imensa força física, a maior que já se viu na mitologia nórdica, é um deus filho de Jord, a deusa da terra

e, portanto, é ligado a fertilidade material. Na série, Odin consegue angariar fundos para sua guerra com o show de "Donar, o Grande". Nesse episódio aparece o aspecto de que os deuses precisam da adoração de seus súditos, pois isso alimenta seu poder. A lealdade de Thor acaba fazendo com que se alie aos inimigos nazistas, pois antes de ser leal a Odin, precisaria ser leal a si mesmo. E vamos combinar que Odin toma atitudes difíceis de compreender, quase sempre em prol do PODER (seu atributo), enquanto Thor prima pela FORÇA DA LEALDADE.

Ostara/Eostre é a deusa da primavera, do amor, da fertilidade e do renascimento, que aparece na mitologia nórdica e celta. O festival que comemora seu dia (Ostara) é celebrado no mesmo período que posteriormente foi considerado a páscoa cristã. Ao falar de Ostara, o seriado apresenta dois símbolos importantes: 1 - Traz a deusa "dividindo" seu dia com várias facetas de Jesus de diversas etnias. Este simbolismo mostra a sobreposição das tradições cristãs em datas comemorativas pagãs, como a Páscoa, o Natal, o dia dos Mortos, etc. 2 - Mostra que Ostara é uma deusa da terra, verdadeira deusa da natureza: tem seu aspecto de prosperidade, mas assim como Deméter e outras deusas da fertilidade, é capaz de acabar com toda a vida na Terra se assim desejar.

ARQUIVOS DE LOKI



Essa mensagem traz como reflexão de que quanto mais os humanos não se atentarem para a natureza como uma divindade, ela pode voltar seu poder contra nós.

Mama Ji é a deusa hindu **Kali**. Ela é a deusa da destruição. Seus mitos contam que ela nasceu do olho furioso da deusa Durga, e apenas Shiva, o deus da destruição, é capaz de parar sua dança mortal. Mas Kali não tem apenas esse atributo. Ela é a deusa da justiça, que nasceu porque nenhuma outra divindade conseguia enfrentar o demônio mais perigoso e apenas ela foi capaz. Kali é a deusa que trabalha no ciclo de destruição para que o novo possa surgir. Não é à toa que ela e Ganesha são os dois deuses mais adorados da Índia! A incrível Kali mostrou sua verdadeira face apenas para a esposa morta de Shadow Moon, pois uma pessoa que estivesse viva não seria capaz de aguentar a visão da verdadeira face desta divindade.

Columbia é uma divindade americana, que representa os novos valores do povo americano. É uma deusa do chamado Novo Mundo e representa a valorização e a ascensão dos EUA. Tem qualidades de mãe provedora, mas também tem variações que a trazem como a deusa sedutora, que atrai olhares do mundo todo para si, como sempre aconteceu com os Estados Unidos. Na série, a união de Donar

(Thor) - que representa os valores germânicos - com Colúmbia - que representa os valores americanos - mostra uma união de deuses, incomum para as mitologias que prezam pela supremacia étnica de seu povo, mas que faz todo sentido se falarmos que a história toda se desenrola em um país que não é o de origem dos deuses da série. Quando Thor decide seguir com os soldados alemães, ele traz ali muito da origem bélica dos deuses germânicos.

O **Leprechaun** Mad Sweeney é na verdade também o deus Lugh, ambos personagens da mitologia celta. O Leprechaun é o que é conhecido mais comumente como duende da sorte, mas, na verdade, a mitologia desses seres mostra que sempre que uma dádiva é concedida por um Leprechaun, em troca é exigida uma coisa de igual valor. O deus Lugh, por sua vez, representa o triunfo da luz sobre a escuridão, além de ser portador da lança mágica, um verdadeiro guerreiro. Ele se tornou rei do antigo povo mítico dos Thuatha de Danaan e por isso na série ele é portador do tesouro do sol!

Espero que tenham gostado dessa resenha, pois em 2021 estrou no Brasil a 3ª temporada e em breve falaremos de novos deuses!

Larissa Dias

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, responsável por treinar os heróis que lutavam nas grandes batalhas, como Hércules, Perseu e outros. Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

**cursos,
palestras,
eventos...**

FEV 2021

2021 SARASWATI PUJA
mantras
bhajans
cerimonial
arati
meditação

TERÇA 16.Fev 18h
contribuição espontânea
Mais info 11 99919 7311 whatsapp

O SAGRADO NA DANÇA E CULTURA INDIANA
com a Prof. Andrea Prior

Encontro I
RADHA e KRISHNA

Sábado 20.fev
das 10h às 12h

Mitologia
Mantra
Mudras
Odissi
dança teatro indiana

Inscrições:
11 99919 7311

Curso teórico-vivencial *on line* (pelo Zoom)

**TARÔ, SINCRONICIDADE E
ARTETERAPIA:**

os arcanos menores

com Patrícia Pinna Bernardo e Oneide R. Depret

**3ª f das 20 às 22hs (9 aulas semanais)
Início: 02/02 - aula aberta gratuita**

Informações e inscrições:

whatsapp 11 99136-4430

Programa:

- Os números e sua simbologia
- Os naipes, os 4 elementos, as 4 funções e mitos correspondentes
- O tarô como recurso em Arteterapia



ACADEMIA DE QUÍRON



MAR 2021



O MITO EM NÓS

e o reconhecimento da integridade humana
Anima / Animus



O MITO EM NÓS É UM CURSO CONSTITUÍDO DE 07 ENCONTROS VIVENCIADOS (UM AO MÊS, VISANDO O RECONHECIMENTO DO MASCULINO E FEMININO COMPLEMENTANDO-SE EM CADA UM DE NÓS, ATRAVÉS DAS MITOLOGIAS GREGA, INDIANA, EGÍPCIA, INDÍGENA, E CELTA.

SOLANGE S. D'AMATO - PSICOPEDAGOGA /
ARTETERAPEUTA
VILMA C. FIDALGO DEL RY - ESCRITORA / PROF. DE
LITERATURA
NOVA TURMA: MARÇO/2020
INFORMAÇÕES: 99132-9228 - SOLANGE

ABRIL 2021

Curso teórico-vivencial
pelo Zoom

MITOLOGIA GREGA NA MANDALA ASTROLÓGICA

5ª f das 20 às 21:30hs (12 aulas)
Início: 01/04 - aula gratuita

Programa:

- Os signos e seu mito regente: aspectos simbólicos e recursos em Arteterapia
- Mitos abordados: Ares, Atena, Afrodite, Hermes, Deméter, Ártemis, Apolo, Hades, Zeus, Crono, Urano, Poseidon

Patrícia Pinna Bernardo

Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia. Psicóloga.
Arteterapeuta.

Inf. e inscrições: whatsapp 11 99136-4430

Curso
teórico-vivencial
pelo Zoom

A MAGIA DOS CONTOS E DAS FADAS

criança interior e mitologias da
infância

3ª f das 15 às 16:30hs (12 aulas)
Início: 13/04 - aula gratuita

Programa:

- Os contos, as fadas e a Arteterapia: pelo reencantamento do mundo
- Abandono e resgate da criança interior, e o arquétipo da criança divina nos contos de fadas
- Lenda pessoal, história de vida e imaginação criativa
- O tema da criança arquetipal em Bachelard, Jung e Hillman

Patrícia Pinna Bernardo

Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia.
Psicóloga. Arteterapeuta.

Inscrições: whatsapp
11 99136-4430

ACADEMIA DE QUÍRON



ABRIL 2021

Curso teórico-vivencial *on line* (pelo Zoom)



TARÔ, SINCRONICIDADE E ARTETERAPIA:



simbolismo e aplicações terapêuticas

com Patrícia Pinna Bernardo e Oneide R. Depret

3ª f das 20 às 22hs (12 aulas semanais)

Início: 13/04 - aula aberta gratuita

Informações e inscrições: whatsapp 11 99136-4430



Programa:

- Tarô, sincronicidade e individualização
- Os 22 arcanos maiores: simbolismo, recursos em Arteterapia e aplicações
- Tarô terapêutico e Arteterapia

Bons Estudos

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS
EDITORA E IDEALIZADORA

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos. É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos. Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação.

Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan.

Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - São Paulo.



CONTATOS

www.larissadiaspsico.com.br

larissa@larissadiaspsico.com.br



CONTATO

facaroli@yahoo.com.br

FÁBIA LUCAS
REVISORA DE TEXTOS

Revisora de textos - Professora de Português e Inglês - Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Facebook: <https://www.facebook.com/fabi.lucas.14855>

Instagram: @fabia.luca

PANTEÃO DE COLABORADORES



KAREM DIAS ESPECIALISTA EM MARKETING

Karem é formada em Negócios da Moda, estilista há mais de 10 anos, pautou sua carreira com o desenvolvimento de produto e se pós graduou em Marketing. Além do currículo acadêmico, fez diversos cursos livres como: Design Gráfico, Teoria U (metodologia utilizada para transformar organizações e processos), além de Marketing Digital pelo Sebrae, Design de Vida, F10K com Juliano Torriani (Marketing Digital).

Se auto denomina: concatenadora de sonhos, pois acredita que novos negócios e novas ideias, são a base de um mundo melhor e uma economia mais justa. desta forma aproveita toda a sua expertise para transformar ideias em negócios, Suas palavras-chave são: Amor, Conexão e Liberdade.

Colaboração: Diagramação e Redes Sociais.



CONTATOS

karemdias@indigomarketing.com.br
@indigomarketing.br

ALLAN P. MARANTE COLABORADOR DE ARTIGOS

Jornalista, pós graduado em comunicação institucional e desenvolvedor de soluções em TI.

Tradutor de nórdico antigo e pesquisador de runologia, publicou obras que tornam os manuscritos escandinavos originais acessíveis para o público, abordando ritos, divindades nórdicas, inscrições rúnicas, poemas, hinos e demais elementos da cultura e espiritualidade nórdica.

Suas obras são "Paganismo Nórdico no Século XXI", "Hávamál: As palavras de Sabedoria de Óðinn", "Ynglinga Saga: A História dos Deuses e Reis Nórdicos" e "Sabedoria das Runas: História, Arqueologia e Literatura".

Fundador da iniciativa "Caminho Nórdico", que promove aulas, palestras e produz conteúdos históricos e religiosos sobre a prática do Forn Siðr, a religião nórdica antiga.

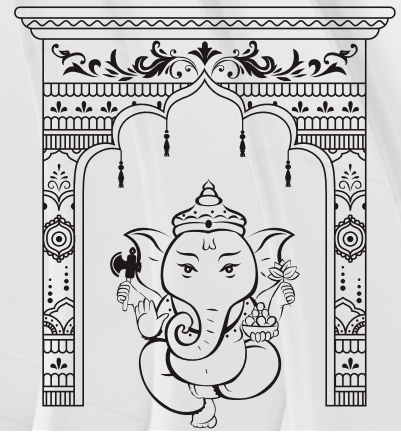
Facebook: <https://www.facebook.com/caminhonordico>



CONTATOS

allan.caminho@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



ADRIANA G. FREITAS COLABORADORA DE ARTIGOS

Nasceu em São Paulo Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.

Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo, licenciada em Filosofia pela UNIFAI - vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia.

Criadora da página Café Filosófico, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/about>



CONTATOS

freitas2020agf@gmail.com

ROSANGELA APARECIDA CORREA COLABORADOR DE ARTIGOS

Psicoterapeuta - Analista Junguiana e Psicossomática-FACIS/IJEP, Especialista em Clínica Junguiana do Psicodiagnóstico à Intervenção Clínica-SEDES, Especialista em Mitologia e Contos de Fadas, Massoterapeuta, Reikiana, Astróloga, Analista de Sistema e Escritora (iniciante;-).

Tendo atuado por 13 anos no mundo corporativo de multinacionais, na Área de Exatas(TI) e desde então, 17 anos atuando na Área de Humanas, cuidando do ser, holisticamente.

Linktr: <https://linktr.ee/rosangelacorrea>

Instagram: @vivavidasvivas

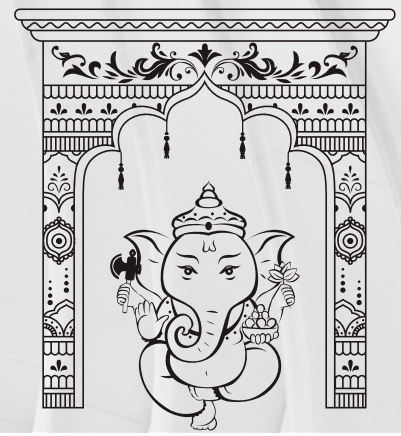
Facebook: fb.me/vivavidasvivas



CONTATOS

psicoterapiajunguiana.com /
vivavidasvivas.com
info@vivavidasvivas.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



JOSÉ A. PEDRO COLABORADOR DE ARTIGOS

Psicólogo, pós-graduado em Psicologia Junguiana e Psicossomática pelo Facis-Ibehe São Paulo (atual Ijep), pós-graduado em Medicina Chinesa com ênfase em Acupuntura pela Faculdade Ebramec São Paulo.

Atua como Psicólogo clínico desde 1996, e como Acupunturista desde 2016 no Espaço Bem Viver, em Itapevi, zona oeste da Grande São Paulo, onde também atua com Fitoterapia Personalizada.

Site: <https://josepedropsico.wixsite.com/espacobemviver>



CONTATOS
josepedropsico@hotmail.com
(11) 95194-8991

LUIS JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



CONTATOS

www.oraculosemisterios.com.br
www.escritorluizjunior.com.br
(11) 98721-9413 - WhatsApp

Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral.

É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia online. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil.

É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH) COLABORADOR MUSICAL

A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany

Linkedin: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany>



CONTATOS
(48) 99815-6284



CONTATOS

www.marcosfe.net
marcosfe@usp.br

PROF. DR. MARCOS FERREIRA-SANTOS COLABORADOR MUSICAL

Jardineiro, artesão, cultivador de bonsai tropical e penjing, folklorista, arte-educador. sementeiro de sumak kawsay, pan-africanismo e filosofias ancestrais...

Professor de mitologia em várias universidades na Espanha e América Latina, com investigações e intervenções poéticas em mito, música & iniciação nas comunidades tradicionais e povos originários há mais de quatro décadas se orienta pelas pensadoras e pensadores do "círculo de eranos" (Ascona, 1927-1988), primeiro grupo interdisciplinar de mitologia, antropologia simbólica e mitohermenêutica; assim como é influenciado pela "antropologia da pessoa" (Nikolay Berdyaev, Emmanouel Mounier, Paul Ricoeur, Jean Cocteau, Annie Besant, etc)

Youtube: youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos

AGRADECIMENTOS

A inspiração para esta revista nasceu no dia 28/12/2020, quando vi um exemplar da "Revista Imaginário!", uma revista especializada no mundo das HQs, cuja capa foi ilustrada pelo professor, quadrinista e pesquisador Gazy Andraus. A ideia teve a virada do ano para começar a existir, e no dia 01/01/2021 iniciei os convites para os apaixonados por mitologia!

Desde então, contatei mais de 80 pessoas, dentre ilustradores, músicos, mitólogos, historiadores, escritores, colaboradores de artigos, etc.

É com muita alegria que digo que me surpreendi com a grande aceitação desta revista colaborativa, e, então, minha empolgação se multiplicou no coração de inúmeras pessoas e hoje a Revista Mitologia Aberta conta com um núcleo fixo de edição, diagramação e revisão, colaboradores fixos de artigos e inúmeras pessoas de diversas áreas que se empolgaram tanto quanto eu com essa ideia.

Deste modo, quero agradecer a todos os colaboradores que trabalharam duro durante esse mês para que esta revista pudesse sair no prazo, empenhando seu tempo, disposição e amor. E agradeço também a todos os colaboradores que já enviaram artigos para as próximas edições!

Por fim, quero agradecer a você, leitor, e digo que todas as dúvidas, sugestões e críticas construtivas serão sempre bem-vindas!

Um forte abraço!

Larissa Dias



Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial

Larissa Dias

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábيا Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e, Karem Dias

Ilustração da Capa: "O Grande Odin", Andrés Bertachinni Art

Consultoria de Marketing: Karem Dias

Colaborador Literário: Luis Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Fevereiro, World Wild Web

Colaboram Nesta Edição:

Allan P. Marante, Adriana G. Freitas, Rosângela Corrêa, José Pedro e Marcos Ferreira-Santos.

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados à seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta